

CANÇÕES DA VIDA.

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
Nº. 995
Data 05 / 03 / 14

13AM
869.91
E94e

VOLUME DE PUESIA E PROSA

53
BIBLIOTECA PÚBLICA

"Benedito Leite"

POK

São Luís - Maranhão

FABIO JOAQUIM EWERTON.

ORNA
869.91
E94e

MARANHÃO 30 DE DEZEMBRO DE 1868.

SAN'LUIZ DO MARANHÃO:
Typ. de B. de Mattos - rua da Paz, 5 e 7.

1869.

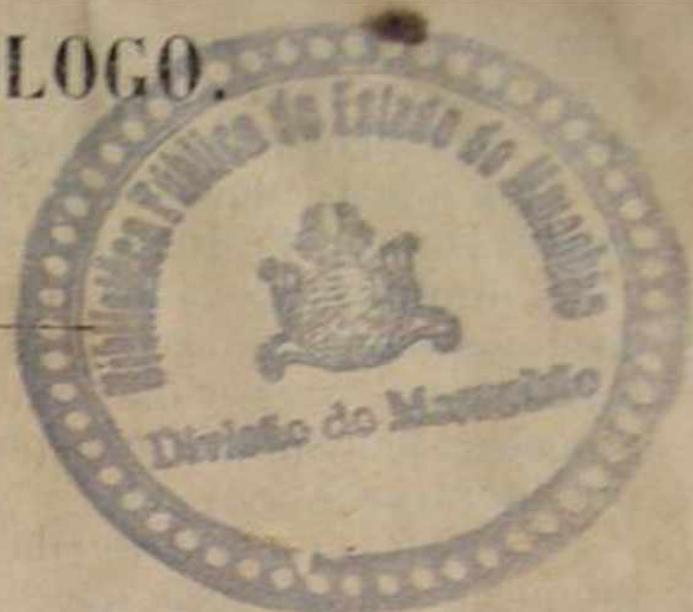
GRATIDÃO.

Dedico este meu pequeno trabalho, inspirações verdadeiras dos meus sentimentos tristes, que forão sequestrados nas horas mortas, da merencoria noite! quando, Sim! do elmo letargo da Sonulencia de Morfêo! foi imbalado na heroica e bravia Ex^a do Senr. Marques de Caxias, ? Defençor da integridade Nacional; e magnannimo sustentaculo da garantia constitucional do imperio do Brasil, e bravo dos bravos do campo da honra: ??... Por estima verdadeira que lhe voto?... em gratidão a tantos Sacrificios que na atual campanha, desabou em todo o mundo?!...

Maranhão 3 de Dezembro de 1868.

FABIO JOAQUIM EWERTON.

PROLOGO.



Leitores, eilas as minhas primeiras canções, insperações do quadro mas deficel de uma vida tribulada nos recursos pecuniarios, em falça pusição pela aminha pequena e fraca abilitação ideal!

Porem leitoris. . agora vos apresento este meu pequeno trabalho, ainda que de uma alma menos abilitada, venho erguer-me nas fontes aureolas das letras? e pousar no regasso da Sorte desavinturada! . . O nome que hoje tomei nas herenas das letras de puêta! . .

É a condição das fadigas e correccões do genio filosophal! puético! . . porem Leitores, muitas das minhas puestas e prosas, ou melhor possa libertar, forão Sequestradas nas horas vaga do tumulto! de minha alma triste, quando sin, eu era afastado do bulicio de uma vida deste mundo! naquelles momento tão deliroso para minha vida cançada! que nas noites de tardu-o rumor, Não Se ouvia Senão o gemer da triste Suidão da noite! ?.

Adormecendo cançada tão medonha prepaçava o timido espasso! aferir-me amente? . .

É meu peito pulçado desta vida dos infortunios? me asaltando o genio desta comdição, a instante a instante,? no arasto de uma negra sipultura! que só vilpendea a vida humano? Não é esse meu puêtar que vos apresento como apar dos grandes literatos e sublimes cantor da puestas, i cultoris das letras de outro!

como bem Seão, os insignos autoris: Lamartine, Boccage, Dante, Dias, Azevedo, Camões, Abreu, Lord Byron, Magalhães, Victor Hugo, Flavio, Remar, Pietro de Castelamar, Mero Newton, Lobão, Bunifacio, Alexandre Dumas, Castilho, Alencar, Offenbah, Verdi, Macedo, e outros elevados nomes que em nomeada São erguidos nas aureolas das letras, com admiração!? por todos, porem? esse meu puêtar rasteiro no estilo da Singelesa tão Simplis, não pode merecer da santa palma literaria!

E sim nas horas vaga da Suidão da noite! pela a immução da tristura que vagêa... meu pensamento nestas inercias arrotações!... de Um infernal peregrinar da merencoria noite! buscando pintar nas brandas cordas de minha lira!....

Coereções do alivio!?

E nesses transportes de melodias me sustento, indo transcripto nas longas imencidades deste mundo? Risonho para mim!? confuso dormita meu Sentimento com a suidão da triste noite!

Se alguém, porem, dar-se ao trabalho de lêlas? este meu pequeno escripto puético trabalho, impellido pelo Sentimento d'alma! nelle incontrará pensamentos de Uma triste harmonia! correção incarnicada no vacó recequido, da impunencia da natura! asaltando-me a mente tão vaga naquelles momentos.

Só sei que vivo por mesmo Sintir?... e sei que Sinto pela a sensibilidade de minha alma! desejo inmanado da alcouceifa da alma!? implicação do tirannico thorax!

Os meus anhellos defusos constestão na puração febril de minha dôr! que só me esplica o triste pranto?. de um muribundo!? Porem leitores! nesses aparatos me sustento, tornando-me no meu primitivo estado! Leitores.?

Sé este meu pequeno enbruxolo, escripto por mim, menos abilitado, para conhecer da arte puética, não vós agradar, não merecendo da pureza das letras de ouro! Se não o desalento?! do despreso! São estas as minhas

canções da vida! fructo do arbusto da tenridade! sentimento placido da sisterna d'alma!

Sé ao contrario publico sensato merecer de vos o aplauso do comtamentamento na minha fraca e debe insperação puetica! correrei ofano em abracarvos! que só, é de esperar da Sabia intelligencia philosophal, quando menos, a modestia!, com o sorriso descorado!?. . . . infraquecendo assim as minhas azas, tão espinhosa, no genio puetico, ou prosaicho! assumindo pois, esta imição eu grato serei muito umilde, de quem sou

Muito atento venerador e cr.^o

FABIO JOAQUIM EWERTON.

UM PASSAMENTO!

A PERDA DE UM AMIGO?

Hé neste pequeno espaço a deducção de uma vida cheia de Tantos espinhos, i desvaneios, neste acaso da Sorte? não venho senhores neste acto acobertado de ricos boquet' para demonstrar um sentimento menos presado, no desvaneio da impudessicia, e do vicio? e sin nobliado com o manto negro da desvintura que nós rega a palma do actó funebre, coroar aos restos mortas do cadavel d'aquelle ente humano, que em sua vida quer publica ou particular, foi sempre quando outro ampliada con o recato do silencio, e prodencia no dever inportante da abismadoura Sociedade, este momento Srs., para mim! e aquelles corações que são despertados pelo sunanbolismo da desvintura, é este o acto da desdicta? igualmente o acto que oprime o coração do triste? revolvendo o cranio? Sepultão avião reclinada no imenso Lodaçal, pairando nas imen-

ças concavidades de profundo abismo, ! desça tacida fenda de cruel amargo ? trago impuro, de uma vida tão defícil neste vacó gemedor, pela propia mão esmagadora da invisível natura ? é neste silencio da parca criminosa que venho esculpido da impuresa do alvoroado ? de uma indirecta rotação, esboçar as cugitações que impune vagão por dereção d'esta fatalista, que arrojá sobre ampulhêta de nossa vida tão apreciada? . . .

O terra ? impune ? durida friesa da eternidade ! . É esse cadaver hoje tornado em simples esquelete ? ! e amanhã ? . . , em fria terra tornado ! . ? Sou eu voz do mundo que me sustento neste momento ? vendo em meus olhos ? os céos, e a terra indeleve ! . . . venho hoje descortinar no pó da terra a mimoria de um amigo ? i punir a ingrata natura ilusão deste aparato imaginario, numa vida tão longa ! ?

Dorme ! Dorme ! o Sono da indolencia, que essa figura sem mais alento desmaiou ? . Dorme ! Dorme ! irmão da campa, e bom amigo ? que a terra para ti será ingrata ! ? . . . Agora porém, vejo em minha frente tão simples cruceiro collocado em frente, de um sipreste gemedor ! o negro moxo piador, tremulando com o Siciar do tumulo ! só esplica o triste pranto da eternidade ? ! . dedusindo tantos linitivos de uma vida tão docel neste alvoroto ! ?

Sou eu que suspenço da terra e elevado nas eterias regions do mundo, transporto-me desta vida ! ao Sarcophago penumbra da imencidade de uma vida longo ? . para pintar o quadro mais durido, deste mundo de ilu-

sões? . . Ó lousa dourada lousa, para que te vejo nivalda de tantos brilhantes ! Si em ti só esplica o triste !? o vosso corpo ja frio nelle ja não más circulão o desse sague da nossa vida?

Que em tua vêa feria, esce ar terminante que ti alentava tão quente, ?. Lá se foi isvuaçado na redondesa da imencidade? assoprar as auras nos esplendidos luar? contemplado em um tão ameno jardim! esse ar tão brando como o orvalho? desapareceu! ? não mais sequer eziste! é como a luz tença no seu ardôr, Sendo aféctada do assopro, é violenta sua queda, morre no verdor da mocidade, Semmais ser vista neste mundo de fadiga: assim pois ti comparo bom amigo, nesta resenha philosophal do pueta, ou nos bicornios dourados dos Druidas da moderna geração: deixou de vêr a luz do dia! baixou sobre tumulo? abitar na terra criminosa fatal punição dos nossos dias! hoje porrem? ja delecêrado esse formato de homem, empuro escarnio da nossa humanidade! ? Ó mundo! ó natura! desalento de tua propia Sabedoria! ? no descanso da impuresa de uma vida! ?.

Campa do Suplicio da humanidade, para que tens pintado o painel do desalento! descrição do terror!. Sou eu! convulcivo que venho regar o pranto amigo! nestes mormurios tristonhos que só aqui transitão? nesses momentos lucidos? no sinistro de uma vida inteira! ho! terra estrumo seu valôr! pó de toda a casta! copia do tumulo gemedor, doris infernaeis tatiando em trevas, preocupo a mente? em fatal delirio!

no duro laço de cruel martírio? vejo em tua fronte negra penalizar a todos que em ti fitão os olhos, ostentando o arrasto da negra Sepultura! esculpindo suas ruínas verdejo sobre minhas cutes, as cristais lagrimas companheira fiel de minha dôr! És a campa de lagrima que neste aparato me sustento, vendo em frente de meus olhos, negra cruz! cuberta de frios lenitivos, em manto negro, recordando a campa fria neblhada na negra noite!...

Senhores aquelle por quem viemos sufragar é o nosso amigo Miguel F. G. de F. B. verdadeiro amigo e fiel companheiro deste mundo?. Erá elle em sua infancia dourada? igual a meiga senecitiva que sorri, como o beijo ingrato do horisonte, quando Solta suas gotas de orvalhos sobre a terra, matizado no mais rico relevo de brilhante, que ficamos nefavos na mentida frase da illusão, é pois igual ao botão da innocencia, que desabrochando no fresco orvalho, destilador da terra impura, estremo criminoso da imperfeição! remeçava seus arcanos entre abertos? deixando nato, suas folhagens, silabadas no festão da serração, que murmuraria com o tenço agitar do forte assopro! nesses trinzados aboliciaorem suas ramagens baquejadoras, beijão a terra! é a vida um ingano, é um sorriso desfalecido, como um fusil em falso malho, é um canto despenhada em alto cumme que se espande na innocidade de longos prados! repercutindo Seu echo, vai quebrando suas forças, apagar-se nas invenças espånção; dorme! dorme! o sono da indulencia

descanço impuro desça terra desapiadosa, criminoso
estruuio do nosço corpo! farol de uma mão oculta
que ti derige, hõ fatalista? punição vaga das teus de-
cretos!!!

Macanhão 1 do Dezembro de 1808.

O NADA.

Eis aqui na sepultura
Os restos de um bom amigo
A suas carnes tão fria
No Seeste pai, foi tido ?

Vejo à campa ali tão negra
Desdobrando a compaixão.
Seu corpo na Sepultura
Tão frio qual frio chão ?

O descoro de seus Labios
Só me notão triste dôr
São setas que ferem o peito ?
Firmeza ? amizade ? amor ! ?

No Sarcophago abitará
 O repouso de um christão ?
 quando as heras for pasçada
 Só teus ossos Sobre o chão ! ?

No Silencio desta terra,
 Abitará tam sosinho !
 quem na vida grato era ?
 Meu lial e bom amigo !

Hoje em terra em pó delido ?
 esse formato do homem
 foi Separado do mundo ?
 qual batida aguas se somem ! ?

Ês homem, uma materia.
 Que com o tempo gosa e vevi !
 Qual florsinha que afectada
 do eclipse morre e sente !

Perde assim o seu frescor ?
 Vai alem, o balsimo Santo
 Ficando impura, ho ! que dôr ! ?
 Essa flor tão casta ? quanta ? !

É o ventinho que zune!
Na serração tão bravia
Vai a Soprando nos cumes
Qual pombinha tão ferina

Que então sendo afectada
da tirana serração!
perde o clivio! cai na terra!
Morta fria, Sem razão!?

Não tem mais esse primor
qual pombinha que vando
tão risonha ali pousou
hoje é triste lamentando
Sua sorte em triste dor
Não mais gosa, não más vive
Amisade firmeza amor!?

T R I B U T O D E A M I S A D E :

A MINHA CARINHOSA IRMAN DONA M. C. S. S.

Tinhas sobre mim poder immenso
invisivel condão, e o não Sabias!

(G. DIAS.)

És tu, minha irmansinha d'aminha alma,
Quem me faz inda ter amor à vida;
E se ha um Ente que na terra adoro,
Es tú, flôr inocente, irman querida!...

És tú que com carinhos sabes sempre
Aplacar do meu peito a dôr ingente,

Se Deos não te lançasse á terra impura,
O que fôra de min, flôr inocente?!.

Se no prado que verto encontro allivio,
É porque me distrahes, querida irman;
Dos teos carinhos para viver careço,
Como as flôris do orvalho da manhã!

Se no leito de dôr me prosto as veses,
Eu vejo-te velar por mim constante;
Vejo-te desvelada e carinhosa
Por meu nome chamar de instante a instante!

E quem mais do que tu disfarça as dôris,
Do meu desventurado coração?...
És tu quem me consola, irman querida,
Nos terríveis momentos d'afflicção...

Quem nas horas do sofrer zela meus prantos?
Quem condoe-se d' mim na desventura?
És tú minh'irmansinha idolatrada
Qu'inda fas-me na vida ter ventura.

Se ausente de ti saudades nutro,

Lenbrando-me de ti de quando em quando
Sinto um peso no peito— equentes lagrimas
Pelas as faces então me veem rolando!...

E praseris não tenho nesta vida
Quando longe de ti me arroja a sorte.
Sonho e durmo contigo na lembrança
Momentos ha de dôr que pesço a morte!

Deos sabe se te adoro, irman querida
E aqui longe de ti quanto hei soffrido;
Meu peito de tristeza acabrunhado,
Que saudades agudas tem nutrido!...

Mais, se um dia, felis nesta existencia
Proteger-me na sorte Deos Clemente!
Irei viver contente em teu regasço,
Tuas caricias gosar, anjo innocente!

AO PÉ DE UMA LOUZA.

Eu venho visitar-te
aqui na sepultura . . .
Rosa, que são dos dias
de tua formosura ?

Tu eras como o astro
Fulgente das manhãs,
a flôr mais doce e linda
do teu jardim de irmãs.

Amores te acabaram
mimos da mocidade . . .
e venho hoje traler-te
dores d'esta saudades.

Ha quanto, quanto tempo
a terra te consome!
e sobre ella não ouço
ninguem dizer teu nome.

Dorme; eu tenho n'alma
a branda imagem tua;
da tua flôr perfumes,
aragens d'esta lua.

Adeus Rosinha; quando
tambem eu descansar,
iremos ante os anjós
os pés de Deus beijar.

(F. REIMAR.)

MOTTE.

O AMOR É, PALAVRA OUCA.

(GLOZA.)

O amor nos vibra n'alma
Como o vento ativa o fogo
Passageiro nos emflama
O amor é, palavra ouca.

Elle habita entre as vaga
em fortes fuzis do fogo?
O amor nos cresce n'alma
O amor é, palavra ouca.

Nos busca para a tristura
Como a noite tudo aterra
Nos mimos de uma donzela
O amor é palavra ouca.

É como a relva que brota
Na superfície da terra
O amor é palavra ouca
Como o viver entre serra.

O amor habita na lousa
Como o fogo? queima a palha
O amor é, palavra ouca
Com água, fogo se apaga.

Elle vai cego habitar
No jardim, com as mais flôr
O amor é, palavra ouca
Nos engana, sem pavor.

Amor constante, não há
Na mais pura, e tenra flôr
O amor é, palavra ouca
Nos engana, sem pavor

Quanto mais bella, e mais pura
Mais vaidosa se tem,
O amor é, palavra ouca
O amar sem querer bem.

Amor é desejo d'alma
Que nós diz gozo na terra
O amor é, palavra ouca
Nos mimos de uma donzella,

Elle morre como a flôr.
Em bulão tem seu primor
O amor é, palavra ouca
Nos engana sem pavor.

MOTTE.

De uma senhora que estimava um pintinho, e que botando-o no bolso do vestido quando o viu, foi morto?...

O PINTO MORTO NO BOLÇO.

(GLOSA.)

O meu pintinho mimoso
Se sempre fosse conhecido
Gozava cantos saudozo
Do pinto morto no bolço

Cantava nas poezias
Tão risonho ouvi comer

E ao dar de meio dia
Tão fagueiro ouvi morrer !,
Tão frio sem compaixão
As mais galinhas choravam
Do pinto morto no chão ?.

Tão mosço na sua vida ?
Aviver n'esse colosso
As suas penas douradas
Do pinto morto no bolço

Era n'um dia dourado
Em que minha alma sorria
Do pinto morto no bolço
Que esmirrado alli jazia

Tornado a um esquelete
Sem figura sendo moço
As penas erão um foguete
Do pinto morto no bolço

Tornado no puro pó
Na terra fria deitado
O pinto morto no bolço
Foi terra, pó, cinza e nada?!

Fica em meu peito cravado
O pinto morto no bolço
Devendo todos chorar
da perda de um bello mosço !

Brincava no campo verde
Tocava o bico nas hervas
Tinha o seu coque impinado
qual matas n'aquellas serras !

Tão verçado, e bello mosço
mavioso no andar,
O pinto morto no bolço
ja sabia namorar !

AMOR PRIVADO.

(Recitativo.)

Á no mundo tantos, dos encantos puros
Como a flôr mimosa no seu prado exalla
Assim donzella retractar só quero
Dos teus olhos bellos, que para mim só fallão

Esplicar do peito, só teus olhos dizem
Que ligar saudades, só a mim queria
Porem sou privado, n'este mundo em tudo
Como a flôr na haste murcha ali jazia.

Suportando as duras tempestades fica
Lançado ao chão, soportando o frio
Recordando as crença, desse amor passado
Revivando geme, que esse amor ferio.

Nos meus olhos esplico essa dór que sentes
Egual ati esplicarte venho
Cora-me a face minhas lagrimas quentes,
Eu não sou fingido, só meu peito sente.

Como a borbulêta que adejando vive
Leva a vida inteira, a gozar ventura
Sendo eu privado de te amar no mundo
A não ser presente, será no futuro.

Não me negues virgem, teu amor tão bello
Guarda em teu peito, o retracto meu
O menos deixa corar, em teus labios
Um dos beijos santos, que meu peito leu.

Maranhão 1 de dezembro de 1868.

A MORTE ! ?

À MINHA FILHA MARIA BARBARA.

A luz que outrora brilhava
A cruel morte apagou !
As onse horas e meia
Maria Barbara levou !

Innocente me cortaste
As cordas do coração !
Ficaste no mundo tida
Foste ábitar na manção ! ?

Vai Barbara cortando essas nuvens.
ja que a parca chamou-te afinal !
Vai filhinha desta alma partida
Neste peito cravaste o punhal !

Essa parca tributo da vida !
Essa mão criminosa no mundo !
Eu quisera no campo vencida !
Te soltando um dos golpe profundo.

Essa mão tão ligeira que mata !
Não se immula na chamma d'luz !
Se em campo ti visce em batalha !
Ai ! de mim Ai ! de ti Ai ! Jesus !

Tu veria a destreza zombada !
Qual um raio desfexa na terra
No lugar do sinistro ! plantêa ! !
Um dos golpes fatal que ti aterra !

No sepulchro da terra descança !
Lá teu corpo desmanxa-se em pó !
Sem formato de sua innocencia !
Tão sozinha ? qual mata ! tão Só ! !

Adeos ! minha filha querida !
Tú descança debaixo da terra !
Sobre os froxos clarão da manhã ! !
Lá Sosinho teu corpo se emserra !

Me despeço das fontes do mundo !
 Não quisera pensar si ti tevi !!
 Não quisera viver neste tumulto !
 Separado do mundo eu me vi !!

Debaxo da fria terra !
 Foi minha filha abitar
 jaz ali seu corpo em pó ?
 Na terra fria sem ar !!

Debaixo de tanto peso ! ?
 Ella ali eu vi gemer !
 Sobre a campa da querida !
 Vi ! sepultar vi bater !! ?

Senti correr-me nas fendas !
 Que tinhão meu coração !
 Ali bem juntinho á ella !
 Adeus filha da benção ! ?

Sem alma me vi no mundo !
 Na fatal separação !
 Vida tudo ! ? lhe entreguei ! ?
 Adeos filha da benção !

(ESPERANÇA.)

Lá se vai tão emroscado,
O anno velho quemando
Tantos pobre lá no prata
Tão triste vida passando. !

Deos permita que se acabe
Um viver sem ter prazer
O cobre desapareçe
maldição ! do meu viver.

São cinco horas da manham
Vejo o céu sorrir na fronte?
É o primeiro de Janeiro
Tão sizo no horizonte !

Vinde mil oito cento sessenta nove !
Bradar no brazil, a constituição
ja basta as lagrimas que do nosso seio,
Nos afêcta n'alma, e no coração !

São os raios desça brisa
Cobertos de compaixão
Seus orvalhos matutino
Tão frios molhando o chão,

As hervas que erão mortas
ja vejo fresca brincar
Tão viçosa namorando
Querendo frutos brotar.

O Sol que tanto quemava !
Agora vejo sorrir
Seus mantos vivos de prata
Namorando tão Sutil !

Lá se foi o anno velho
Baxar no limo infantil
ingrosçar de novo atéla
Tão criança é meu Brazil ?

Neste fuzil de uma vida
Tão cheia de disventura
Creceu agora, os impostos
Só nos resta a sepultura.

O Brasil só quer soldados
hó ! que triste condição
Não reservando os casados
Para a guerra todos vão.?.

Maranhão 4 de dezembro de 1868.

HINO SANTO!

Escutai o povo humano
o dia que ños criou
Foi nascido o Deos menino
O ente que nos salvou.

Foi brotar n'Universo
Tão putenthe criadôr
Neste dia festejado
Com eu cantando estou.

Brotem flôris brotem noite
Brotem estrellas lá do céu?!
Criou Deos a Sua corte,
Tão sabio que nos salvou.

Damos gloria a Deos menino
que José na fê criou
do espirito Santo a gloria
do parto virgem ficou...?

Maranhão 20 de dezembro de 1868

SIM ! ?..

Anjo do céu eu ti adoro
Heide amarti com furor
Não—me negues teu sorriso,
Nen o teu olhar de amor.

presta-me dos teus cuidados
Um dos mimos dos teus mimos
Um dos gemidos que gosto
Qual canto altivo devino.

Seus olhos bello na terra
Sobre mim fitou gemendo
Como um brilhante na serra
Na minha alma fendendo

Eu sonhei nos teus incantos
quando uma noite dourada
Eu ti ví, tão bella em pranto
Sobre um leito desmaiada.

São esses gosos sonhados
Quando em quando revivado
em minha mente lembrada
Naquella?. vida passada?.

Maranhão 1 de Fevereiro de 1862.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento.

A. d'Azovedo.

Eu quizera ser livre como as aves,
Quisera ter perfume como as flôris,
Neste mundo vereria sempre alegres
Sempre alegre á sorrir, fruindo amôres !

Eu quizera ser livre com o vento,
Ter as plumas que tem os passarinhos;
Iria á minha terra de folguêdos
Gozar de minha irman ternos carinhos !

Eu quizera ser livre como as ondas,
Que rolam se embatendo em mar bravio.
Eu quizera ser livre como a setta
Que aos ares arremessa o meu gentio !

Eu quisera ser livre como o vento
Que se perde ao vaivem da solidão;
A lousa de meos paes iria ao menos
Prantea-la de dôr meu coração !

Quizera á fresca sombra das palmeiras,
Por falças illusões acalentado;
Ao relento dormir a sonno aêrio
Que alivio traz comsigo ao desgraçado.

Eu quisera chorar naquellas brenhas
Na Sombriada encosta d'montanha:
estinguir se d'então veria ao menos
A dôr que me devora e me acompanha !

Eu quisera viver naquelles bosques,
Do bolicio dos homens esquecido;
Ver na rede embalar-se meu tembira
Lá na sombra do valle adormecido !

Eu quisera ser livre como as nuvens,
Que singram seu destino aseos espaços;
Minha irmã d'prazer iria ao menos
Apertal-a chorando entre meus braços.

Eu quisera ver inda a siracura,
Debaixo de um cypreste mui sombrio,
Vêl-a alegre cantando, e vir das mattas
Em tardes de verão banhar-se ao rio !

Eu quizera inda ver raiar nos campos
A rubracenta aurora boreal,
Eu quisera, meo Deos gosar ao menos
Do alvacento matiz do laranjal !

Quizera ver na rocha despenhar-se
D'um tremendo e cruel despenhadeiro
A limpha crystallina, indo perder-se
Nas fraldas verdejantes d'um outeiro !

Eu quizera inda ver aquellas margens,
Tão sandosas do meu Tapicúrú;
Quizera viajar na canôinha,
Quizera ouvir os cantos da nanbú !

Eu quizera ser livre como as aves,
Quizera ter perfume como as flôres,
Neste mundo viveria sempre alegres,
Sempre alegre á sorrir fruindo amores ! !

UM POLITICO.

Nassi no mundo aprendendo !
A ser bom legisladôr
Obdeço a meu Munarcha ?
hoje sou conservadôr !!!?

Aprendi já na pulitica
Essa comdicão da sorte ?
Sei melhor como si esplica !
Na terra deste meu Norte !

Ter pusição e dinheiro
Sendo mouro ! ? é bom christão !
Pode gargar do ferreiro !
o Pregaminho da Nação !

Só o pobre viver não pode !
 Não tem uso de razão
 Não tem na vida saudades
 Não pode nutrir paixão.

Servindo qual espulêta
 Lanção mão deste coitado
 Tendo o pobre também honra
 Não deve ser maltratado !

Não tem honra nem criterio
 Quem o dinheiro não tem ! !
 É naquellê simiterio
 Que emterrar-se todos veem ! ! ? . . .

Cada um puxa seu pão
 Para si e mais alguém !
 Fica no rol d'esquecido,
 Quem o seu vintem não tem ! . . .

É só naquella rodinha !
 Que se esplica amaldição !
 Só o pobre é patulêa !
 Não pode gosar do pão ! ?

É o pobre como á noite!
 Que do céu orvalha cai!
 Com a noite tudo fenesce!
 Nas matas tem sapucaí!

Vella o pobre sem destino!
 Como a flôr no pindo daste!
 No calmoso tempo rindo!
 Na fresca vaga já nasce!

É no planêta do céu!
 Onde vella o firmamento!
 As nuvem pação correndo
 No meu fraco pençamento!?

É no vál desta estação!!
 Onde vagou minha dôr
 Ser pulitico nesta terra!
 Só sim! como o beijafôr!

Que vaga nos bellos campos.
 Toca o bico em toda flôr!
 Gosa de tudo no mundo
 Pasça a vida num fulgor!



MOTÉ:

A MINHA GARCINHA BRANCA.

A minha garcinha branca !
É como a flôrsinha Santa ! . . .
É bella no seu assunto !
A minha garcinha branca !

No seu olhar de uma Santa !
No mover de seu corpinho
A minha garcinha branca,
É bella qual um anginho !

Nas noites tem seu primor !
Como a flôr nos prende n'alma
No siume tem Sabor !
A minha garcinha branca ?

É seus cabellos de anel ?
Seu sinto branco ingraçado
É como do pau o mel!
A minha garcinha branca ! . .

Eu pesso meu Deus anoite!
Para gosar delicias tantas !
É como a noite de frio ! ?
A minha garcinha branca !

A noite trouçe por sello
Seus luseiros desta terra
de Seus horomas mais bello
É minha garcinha branca !

Ella que dorme Saudosa !
No seu mansinho andular !
A minha garcinha branca
É tão lenta a esvuaçar ! !

Seu gesto de emcanto frisa !
inocente pomba Santa
e Paresçe que fende a brisa
A minha garcinha branca !

Despertando é como a lua !
 No firmamento a brincar !
 Coberta de negro manto !
 Nos deixa triste ficar.

Nos abraça n'fulguedo
 Num vasto campo a olhar ! ?
 As nosças vistas cançadas !
 Qual alva espuma do mar !

A gemer naquellas rochas
 A brotar canções de amor !
 É como do galho a rosa
 Que só gosa o beija flôr !

Beija flôr feliz no mundo
 Eu invejo a tua Sorte !!
 Pulas de galho em galhinho
 Mesmo não, sendo teu Norte !!

É quem transita nos prado !
 A brincar com a mais flôr !
 Sendo pois tu criminoso !!
 Só de amar, e ter amor ! ?

FLOR D'ALMA...

ESCRITA ESPECIALMENTE, PARA O BAPTISADO DO INNOCENTE
JOÃO, FILHO DO MEU RESPEITAVEL AMIGO, O ILLM. SR.
J. J. L. BRITO.

Se eu fôra poeta, um carme,
Cheio de grata harmonia
Vibrára na lyra d'ouro,
Para saudar este dia!

Às brandas auras que passam
Soltaria uma canção,
Cuja lettra soletrasse
Mimozo, o nome de João!

Depois, de seus Pais no seio,
Corrêra ufano á depôr,
Como inequívoca prova
—De respeito, amisade, amor.

Mas, como poëta não sou
P'ra lyra d'ouro vibrar;
Somente, esta flôr singella,
—Amigo, lhes posso dar. .

Guardem, pois, a pobrezinha;
Acceitem o singello dom;
—Parte do coração grato,
De—Fabio Joaquim Everton.

Dezembro 8 de 1868.

POR UM AMIGO—(C. J.)

O GENIO !

Suspende as azas que decantão a musa
Tremula o canto desça voz puêta

É melodia

Revolve o cranio Separando as aguas
Mormura a brisa com tão fina tella

Que Deos ti guia

Prantêa o genio que teu genio é puro
Salpica o cêo de immunção Selestes

É melodia

Nessas imagens que revolvem as nuvens
Molhado orvalho que do cêo cahio

Só Deos ti guia !

Molhar na terra o infantil arbusto
 Que nesta plaga teve o destino
 É melodia!

Tão innocente botão que brota
 inercias pompas que deste mundo não tem valia
 É rebeldia!

Se neste momento as vargêas que me oprimem o selebre, me não deixa descortinar as pomposas fraldas que me impellem a mente, quanto mais que confuso ainda vejo em meus olhos? tão tristes melodias! que me entrecala a edêa! É um umilde tronco de negro si-preste, ! e mais alem! Um tenço pantano! e no oiteiro! frondosas arvuris ciciando nas grandes copulas do seu increspo! É que neste serro remoto onde dizerto vejo a innocencia balbuciando fadigas tão correctas de trompas falopianas * de um canto tão hameno que só embocão o candular ** agreste! ademirando o serro segredando a belleza de longas aluvions! borrifando folguedos estasiados na tremulancia deste mundo! de tantas esperanças! És o genio de profunda crença? que fusilando vaguêa seu echó nas Languidas inercias de extasis profundo! ? ali cançado morre!

* trompas falopianas é uma das pessas importante de um grande instrumento da italia, ou cubo do mesmo instrumento.

** Candular é um mimoso pasaro de nome tona que quando canta Suavisa o mundo com sons melodiosos.

É igual a palhinha que vem do alto céu tão brandamente pouzar na terra, é pois assim essa flôr rubra inocente? o genio das musas eloquencia dos amantes! é esse cantor das imagens que buscou pintar o difficel quadro da innocencia! dando por titulo a flôr d'alma.

Maranhão 10 de dezembro de 1868.

A LUA DE MINHA TERRA?

É na minha boa terra
Que formosa lua vi
Palmeiras naquellas matas
E cantar da jurity !

Nas praias do meu relento
Nas vagas de um santo amor
No tanger de manças ondas
Bella lua de fulgor

Foi nesse clarão da lua
Que alva vizão me prendeu
Foi na haste um galinho
Que minha alma estremeceu

Naquelles prados risónhos
No sorrir de um horisonte
Em vivos frisos dourados
Sobre as aguas de uma fonte

Gelado tinha meu peito
Nas crenças desse luar
Tão mimoso anjo do céu
Formosa lua a brincar.

Som treis horas da manha !
Naquelle rizo pasmei
Qual orvalho matutino
Sobre meu peito não sei,

Tantos gosos nesta vida
Só eu não posso gosar
Gosando meu terno grillo
Nas flôresta achilrar,

Passa assim noites intejra
Não cançando seu chilrar !
Tão pequena e alma pura
Gosa noites de luar

O terra do meu brasil
hó canto do Sabiá
É morto Gonsalve Dias
Naquellas fendas do mar

Esse puêta ilustrado
Levou a palma na mão
Na morte croou o sêtro
Es filho do maranhão !

O Bairão Alves de Azevedo
Espada tão cortadeira
Vez no campo da batalha
Caxias nobre guerreiro

Miltão um dos grandes Sabio
No Seu talento mostrou
Não deixo Gonsalve Dias
Que de nós Se Separou.

Chanxes gose commigo
Nessas noites de luar
É filho do Maranhão
Commigo sabe goçar.

Nos cantos da jurity
Na brisa que sobre o mar
Meu peito sente saudades
Como a lua atatiar!

João da Cruz no teu canto
Pôeta posso chamar
És filho do maranhão
Comedias pode formar!

A minha terra é tão boa
Canta muito Sabiã
Tatu cotia e quexada
Nas matas vamos caçar

A minha terra é tão boa
Nas noites de um luar
passamos noites inteira
Na terna lyra a cantar!

Minha terra tem palmeira (Dias)
Nas lua Só canto amor. . . .
São as bella maranhence
incantos de mil fulgor,

Nas setas dos meus adejos
Nos cantos sobre um luar
Minha terra tem palmeira (Dias)
Onde canta o Sabiá!

Minha terra tem palmeira (Dias)
Canta muitas juriti
Tem peixe das aguas doce
Vem das parte do munin!

Tem quiabos vinagreira
Que aqui, se faz cuxá!
Pexinhos da agua Salgada
E bom vinho cajual

Nessas lua de folgedos
No cantar da Serenata
Aqui tambem tem velhacos
Marchar deve para o prata.

BIBLIOTECA PÚBLICA
"Benedito Leite"
São Luis - Maranhão

EU PERDIDO NESTE MUNDO!

(UM AMIGO.)

Eu fora distante nas matas da terra
Sem ter um destino
Gosava na vida as crenças das mattas
Desgosto sintindo!

Meu peito lutando nas chamas que quemão
Seguindo o destino!
Num vago regato que as aguas gemião
Seu fado comprindo!!

A brisa era cheia sorrindo de amoris
 Assim que se vive !!?
 Meu peito arquejado sofrendo tormentas,
 Saudades eu tive ! ?

De aquelles grilhons que prenden minha alma
 No mundo devino ! ?
 De aquelle Concorcio fiel harmonia !
 A vida é ferina ! ?

Naquelle alabastro de um fado cruento
 É sorte do homem ! ?
 Eu era um acaso esposto no mundo
 Com as aguas se somem !! ?.

Em frente de um morro, bem junto um vulcão !
 A visão deste mundo !
 Sua frente era erguida qual fronte devina
 E eu moribundo ! ! ! !

Que esvuaça sobre as pêndulas de um galinho
 Ali sorrindo !
 Tange o echo mormurando ati Rosinha
 hirei comprindo

Não quizera encontrar um só fantasma!
De veste branca!
Ter os labios porpurino em fina tella!
Qual uma santa!!!?

Nem cabellos como apluma que esvuaça!
meu Deos perdão!!
Nem fitar no seu olhar tão destimido
A viração!!

Mas no mundo tenho vida e sinto n'alma!
Que Deos criou!!
Tenho sangue que serculão um triste thorax
E tenho amor!!!

Tenho aquella que os cêos me deu na terra!
E outra alem!!
Que me aplaca nas tormentas da razão!
Não digo quem!

Eu tinha saudades da terra de cá
Mês meu pobre peito!
Cravado nas ancias, mil couzas de lá!
De pé no seu pleito!

Em frente de morro bem junto um vulcão
 A vizão deste mundo!
 Sua frente era erguida qual fronte devina
 E eu moribundo!

Eu quizera não ter vida neste vaco
 Nem ouvir o laborel do meu destino!
 Sempre fruindo!
 Nem ter vista neste mundo que sorrindo!
 É crivado de fantasma, em sól de pino!
 É meu destino!!

Não quizera más ouvir o seu falar
 Nem olhar para seu gesto que me atraem!
 Sou desgraçado!!
 Não quizera ter desejo dentro d'alma
 Se é vida este martirio sei que morro!!
 Em tuas garras!!

Minha vida é desgraçada neste mundo!
 É tão triste como um pé de abiricó
 Que o raio fulmina!
 Que deixando seu aspectro em esquelete
 Assim vive dando fruto, e tendo apalma!
 É como á morte!!!!

Um pé seco de um coqueiro desfolhado
Que esmirrado sem ter fruto é um fantasma
Só vive esposto !!
Cada dia representa o seu futuro !
Vai pendida aboltar-se na masmorra
Ó ! Deos ! ingrato !!

Maranhão 20 de maio de 1868.

NASSIMENTO.

Á MINHA FILHA AMELIA URCULA EVERTON.

Em vinte um de outubro de sessenta e cinco
Surgiste no mundo com valor sem par
Desvelastes a infancia de um sofrer cançada
Moreste coitada? no seu terno Lar!

Fostes tida neste mundo com um raio!
que baixando das altura fende a terra!
Tão guerreira que tu eras? e alma nobre
Morrer por tua patria eu viva guerra!

A nobreza de tua alma só me emvão !
 Como aragem fagueira no seu lar !
 Que sois tida neste mundo com fúlia
 Qual anginho torniado sem ter par !

Se nos prados nassem flôres
 Se nos céos aragem vella
 Sobre meu peito saudades
 La nas matas brotão serra !

Nacestes em dezafo !
 Do guerreiro imperador ! ?
 Lançastes n'alma apuezia !
 Liberal conservador !

Nascestes quando em campanha
 Quando o sangue brasileiro !
 Naquellas margem do prata
 A correr sangue e dinheiro ! f ?

Nessa potencia aliáda
 que o brazil aliança deu
 Não lembrando do passado
 Como Aguirre se vendêo !

Estorquir tantos dinheiro
 Não dêo aballo ao brazil
 O brazil só tem nobreza
 Não lembrando do fuzil !

É como as aguas do mar
 Suas forças vão quebrar !
 Sessando o vento o rugido
 as ondas sescão a rodar !

Naquelles pelago se findão !
 Tantos banzeiro do mar
 reduzido á esquelete !
 Batida espuma de Sá !

Então brinca en dezafo
 do vento a força moral !
 Perdendo o vento o talento
 Perde o mar Seu agitar !

Foi como dessa querida
 Filha do meu coração !
 Foi do tempo o seu accaso !
 Amelia Urcula Evertom.

Foi de nós separar-se deixando saudades
Abitar na terra nun repouzo só !..
Falesse o sentir de tantos cuidados
Seu corpo formado ! como a terra em pó !

Fica em lembrança do ser que no mundo !
debaixo da terra não gosa vintura !
É qual borbulêta que vuando morre !
Procura na vida sua sipultura !!

Maranhão 23 de outubro de 1865.

AO DOMINGO DE PASCUA.

POR OCCASIÃO DE BAPTISAR, Á MINHA FILHA ANGELINA.

O tempo calmoso Secando o seu éccho
Gritando no mundo com viva esperança
Rasgando esse manto de fresca harmonia !
Mostrando na vida o rasgo da tella !

Surgindo brilhante rasgando esse vèo
No tope da brisa surgindo ligeiro
Gosando na vida tão viva paxão
Domingo de Pascua da resurreição !

Tingindo na vida o fino carmim !
Qual morto sem vida caído então !
Prostado no tumulo sofrendo semfim !
Não gosa não vivi ! sô resta paixão !

O Tempo rasgou um vivo dourado
Bramindo nos peitos de um terno cantor !
Cauzando na terra o incençó do mundo !
Qual prado nivado de inçenços de amor !

Rasgou esse dia um tempo dourado
Mostrando na vida, o sinto de ouro !
Mostrando de prata os frisos do céu !
Tão ricas estrellas, qual forte thesouro !

Maranhão 4 de abril de 1862.



UM PASSEIO NOTURNO AO BACANGA !

Em lutava o céos horrorosa noite
Num passeio atroz de um sismar constante
Um tufão varria o cimo das arvoris
Na montanha um echo ! eu tão vacilante !

Procurava a imagem do meu Santo amor !
Que por entre as matas procurou viver !
Profundando as cavas, coração de dôr !
A chuva em torrentes sem a luz de amor !

Foi nas flôrestas que calmei delirio
Entre mil espinhos Sopurtando a dôr !
Foi por uma ingrata que baixei no mundo !
So portanto as crenças na vizão do amor !

Eu vaguei nas serras abitei tão mudo,
Entre negras matas vagalumi eu vi!
O cantar agudo da mucura surda
Alegrou-me o canto de uma juriti!

Repiti meus passos vacilante e tremo!
Uma voz tão triste sobre mim passar!
Eu sismeí chorando sem o brigo estrêmo!
olvidou-me o canto de uma pecuapá!

Descantava a imagem prepaçando a briza
Entre campos verdes descantava assim!
Na manhãm tão terna nesse céu de anil!
Só cantar não vi o meu jacamim!

No romper do dia de uma fresca aragem!
No cantar sereno, desse tempo izala
Despertando a aurora n'um sorrir dourado
A minha alma morre! e o coração me estala!

Foi gosar ternura no mudar do tempo
A brincar com as vagas no acazo fico!
Revivando as sêtas a sentir no peito!
Calmarei sosinho meu querido Euthico!

No canal Bacanga do harapapaiba
 Gastou-se Somas de cifras perdidas
 Repartida as crenças do canal guariba
 Mil e tantos contos forão ali estorquidos

Regreeci noturno no immenço Sollo
 Do canal bacanga a contar thezouro !
 Despertei minha alma ! de uma esfera a um pollo
 A contar riqueza só ! em pessa em ouro !!!

Mil e tantas cifras rebatarão emfim !
 Em samba em vinho gastou-se o dinheiro !
 Nem canal aberto será sempre assim !
 Renove-se a impreza para tais ferreiro !

Foi naquellas matas que gastou-se soma !
 Num trabalho triste que a provincia não vio !
 Dois milhons em samba no eterno sono !!!
 Pobre cofre geme ! nem o canal se abrio !!

A POCREZIA.

Neste vaco trêmulante em que a vida
Onde a lua beija a terra em pleno vôo !
É tua alma o luzeiro deste mundo !
Qual trovão de estampido écho vem do céu !

Terminar nun longo espesço crente á dôr !
De alma nobre qual thesouro desta terra !
És o guia do planêta viandor:
Qual estrella desperçada vem do céu !

És aplaga do estio cá deste mundo !
Como o Sol expande e geme o seu clarão !
Minha terra infeliz terra, ó sorte quando !
Quando a sorte inclinar-se ao Maranhão !

Corre corre e bem ligeiro dessa fonte
Discarnado viajor não trago o fel !
Vôa longe e lá bem longe desse monte !
Que o remorço vem do céu como um tropel !

Esse aspecto como o mundo aqui na terra !
Como a lua de incanto a li fenesse !
É cutello que do alto vibra a serra !
Como aquelles que na terra dismeresse !

De braço sé acha o monge no regasço !
Tão tranquillo no poder que lhe assiste !
Manejando torpe vida olhe seo lasço
Não retorça o laborel de tua vida !

É roubar com talento na vida !
Quem o poder só nas mãos quer tragar
Não se importa do trago do fél
Nem de um som de uma lira a cantar !

A torçer a chavinha de ouro !
No ingondo do seu suvinar
Vai passando e gosando do Louro !
Qual sigarra constante aberrar !

Canta canta tão dosse de então !
Redobrando esse dosse cantar !
Canta canta tu podes varão
Recantar qual sigarra sem par !

Vinde vinde jurar no processo
A justiça ploclama arazão
Não ! não ! faltes ! cometes é cesso !!
Sobre as horas pouzar tua mão !

Voa terno qual pomba do ár !
que mimosa não sabe mintir !
Flutuando nos arês seu estro !
Nunca pode tal fim conseguir !

UM PASSEIO A CAVALLO

AO RIO DA PACIENCIA.

De pino ja era a lua lá no céos a dedilhar !
Na terra tudo remoto, só no mar ouvi gemer
Erão as plagas tormentosa, a lua cheia a brincar !
A cahir do céu orvalho nas matas erão um folgado !
Naquelles trilhos de arêa ! do barro cai ! a par ?
Eu trajava roupa branca na lama cahi sem mêdo !

Quanto é bello assim a vida, uma vida assim vivida !
De tanta Felosophia na terra, tão malfadada !
Eu pobre vuar não posço ! bem juntinho a minha amada
De quando em quando lembrada minha vida maltratada !

No rio da paciência,
A lua já reveçada!
A sua fronte pendida:
Para as partes do poente!
Nos deixava n'um folgado
Nos gosos do pensamento
Um vasto rio n'patio
Tão brando, e madço regato! ?
Mostrando sombrios mato! ? . . .
Em minha alma! Um desalento!!

AOS INCIGNOS DA RUA DO SOL.

FELICITANDO OS PELA A BELLA LUMINAÇÃO !

Na planiçe d'um azul e nuvem negra !
O planêta a sinalado, e já pendido !
Reveçado sua fronte deste mundo !
Qual erguido pavilhão e destentivo !

Patriotas eilo avante ! e tu ! Carvalho !
Nessã rua do sól fendeste o brilho !
Hês cantado nesse dia a sinalado !
OLiveira autor das crenças ! eu te ademiro !!

Oliveira e tu Carvalho, é um dos ente !
 Que admira o torrão patrio á miuha terra !
 Deos te salve tres vezes, tua sorte
 Minha terra feliz terra ! hospitaleira ! ?

Tu serás sempre cantado na rabeça
 Nas cordinhas do autor Francisco insanno !
 Dessa alma generosa em qual remesça
 Eu Saudo os tres autor no dia e anno ! . .

Esse dia foi erguido em pagina douro !
 No Brazil Será cantado em hinno santo !
 Vivão os bravos . . . e Caxias que de lourô !
 Em riqueza nossas armas qual thesourô !

A torrente que do céu curvou na terra !
 Panejando do fuzil de uma campanha !
 Deslojando nesse dia fortes serras !
 tremulando uma estação em qual façanha !
 Lá no céu fenda profunda e timido êcho !
 Qual trovão raivozo geme estala ! e Berra !!

Cá na terra eu brincava nun sorriso !
 E no céu ! erão fendas qual degredo !

Sobre terra! um tremor da natureza!
Que a terra um pobre vate a campa fria!!

Qual relampago desfexa o seu assombro!
Nun arado tremulante de ramagem!
Seus arbustos que erão verdes se descorão!!
Deixa triste como a noite suas folhagem!!

No piar de uma coruja desdóbrando!
O terror da triste noite gemedora!
Lá das fenda erguido moxo piador!
Qual sipreste colocado na masmorra!!

Maranhão 1 de abril de 1868.

SAUDADES DE MEU FILHO

ALFREDO BARROSO !

Debaixo dos pés, tu trais o mundo !! ?
Na direita mão traçando um livro !
Na esquerda uma urna dos decreto ! ?
Severo rebusto é o Deus destino !!

No dia vinte tres do mez Novembro !
Que fendendo as manchas aguas vae meu filho ! ?
Separado de seus pais, irmãos amigos !
Abitar em terra estranha com seu Tio !

Vai! Alfredo! meu filhinho da benção!!
 Vai que hoje!! do sepulchro revivei!!
 Minha esposa!! tua mãe!! que na manção!!
 Soubre á lousa, e fria campã? ha! quanto amei!...

A tropos que o rosto traís fitada,
 Na fatal Thssoura que nos corta a vida!
 a cabeça coroada de um sipreste!
 É um pai que te roga, ó Deosa? amiga!!

IMITAÇÃO.

Alfredo.

Eu vi minha terra
 Fugir-se raivosa
 Atraz de uma serra
 Bem junto do mar!
 No rasgo da brisa
 Sem vento tocava
 No Simo da musa:
 de um filho que amava
 Na mente confusa
 Seu pai que deixava!...

Eu vi minha mãe !
 Que á muito baxara !
 Na campá dourada
 da terra tão fria !
 Com negros cabellos
 Pairando nos hombros
 Confusos anhellos !
 Por minha partida !
 Na fassa do mar !
 Maysinha querida !

As aguas corrião
 Com vêas ardentes
 Naquelles morrento
 Em que me lenbrava !
 a brisa asoprando
 Na mente serrada
 Meu pai carinhoso,
 Maysinha da campá !!
 Já sou desditoso ! ?
 Qual frio regato ! !

Há vês o pranto que me molha a tella !
 Revela a dôr que meu peito sente !
 É amor tão puro que me inflama e rala
 E estraga a mente de quem ama crente !

AOS ANNOS

DA EXM.^a SR.^a D. MARIA FERNANDES.

Se pintar um rosto ameno é meu desejo !
Simular com essas brisas que hoje brincão
Ariou-se do horisonte um terno beijo !
Decantando os annos que hoje facinão !

Ès o anjo que do céu vedou a terra
Neste dia dia cinco de Novembro !
Nesse dia que a brisa veio sorrindo !
Cambiando tão fagueira aqui na terra !
Ès Maria no ácase a violêta
Ès o Simulo deste mundo parasita !

Saudamos de Maria os ternos annos
Em novembro no estio a lua é bella !
Só comparo teus cabellos que som Louros !
Só eu pinto com o pincel da natureza !

Esses olhos que decretão ser luzeiro
Ser estrella que do cêo vejecta a terra !
Que ilumina tão estançaõ a serração.
Foi o dia em que Maria aqui nascera !

Maranhão 5 de novembro de 1868.

EU SINTO !

IMITAÇÃO.

(à pedido)

Como é crível partir, se saudades !
É saudades ! que meu peito sente
É saudades de um crespos cabellos !
Que me matão constante esta mente !

Nesse dia em que vite formosa !
Derramando em meu peito uma dôr
Acendendo esse fougo do vicio !
No martirio de creanças de amor !

Tú és bella meu bem meu anginho!
Torniada Santinha do céu!
Tens um canto que eleva a este mundo!
Tão galante é teu corpo sem véo!

Esse olhar qual brilhante que séga!
Numa noite de triste suidão!
Esse andar que gemendo eu quizera
Libertar neste meu coração!

Adeos que eu sempre
Com tigo querida
Gousar se concente
a Tua, dosse vida!
Comcente na mente
No canto da lira
ja que vossos olhos
Matar me queria!

ADEJOS LIRICOS.

NO THEATRO DE SAM LUIZ DO MARANHÃO.

Bouffes parisiens em bella noite !
Entre vois primeira dama cantou poupe !
Nesçe palco tão feliz gozar não pode
Quando Adelia desmaiada cantou troupe !

Foi a noite mais formosa no horisonte !
Dedilhando lá no céu esçes luzeiro !
Assim puro, foi teu canto bella poupe !
Que vergou-se com os orvalho matotino !

Descreminas nesçe teu formoso canto !
A bellesa que em ti se inseria pura !
É qual noite de luar na minha terra
No acaso veio pura a dedilhar.

O teu canto é avisão dos meus amoris !
Como a lua recambéa ! a sua frente !
Assim pura nesse palco entre mil flôris !
Qual orvalho de brandura ! é bello poupe !

És formosa qual botão no manço estio !
Soportando a immunção da natureza !
Eu te vejo bella artista nesse palso !
Tão florida de bondade e de belleza !

São teus olhos dois brilhantes deste mundo
Qual sorriso de um luar sem espreção
Que volvendo sua frente deste mundo
Deixa a terra na mais triste Suidão !

Maranhão 1 de fevereiro de 1868.

O DESMAIO.

Adelia em desmaio por não ser erguida
Nessas palmas Santas que os artistas tem !
não és tu colpada ! Só a natureza !
O não ser tão florida como poupe alem !

Tu não vez no maço fabilar do vento !
Como tange as folhas com rogidô êcho !
Susurrando o espasço com temido alento !
Ser pincel mais puro do acaso incerto !

Quando em certa noite que não tem luar !
Que não vez exposto o clarão da lua
Fugitivos raios sem conter Seus brilhos
Diz Adelia palida esse echo sua !

É qual negra noite no terror das fendas
Que tudo emtristeçe só buscando horror !
És Segunda dama ? és tombem cantora !
Não chegando as palmas de que poupe tem !

És foïmosa Adelia não chegando alem !
da otona poupe, qual botão florido,
não heis tú colpada eu direite quem !
numa noite incerta um dos teus querido !

Te pintando pura como a borbuleta !
Que adeijando morre ! no verdor da vida !
No terror tão vago de uma violeta !
Despertando o golpe qual visão querida !

Maranhão 15 de fevereiro de 1868.

SONHOS ?

O Terra o céu o mar estenço
Neste pelago onde abita uma ilusão !
És tua poupe estimada aqui por todos
Qual anginho que de Deus resebe abenção !

És a sombra d'outro mundo bella poupe !
Qual anginho torniado acuza um réo !
O teu canto tão saudoso e tão suave !
Qual a noite de iguarias lá no céu !

És aplaga do acaso hó terno irmão !
qual roseira carregada de botons !

És o anjo desta terra vezes quam !
 Qual perilampo pragueijando seu fusil !
 Nos da vida nun vida vezes sam !
 Nesças crenças de folguedos vezes mil !

És tão docel qual constante borbuleta
 Que adejando após da luz morre quemada !
 Assim pura é bella poupe não se emverta !
 Só emfim em pó terra em sinza em nada !
 Quando a morte te cortar o fio da vida
 Colocado n'essa campa irei chorar !

És a rosa no verdôr da mocidade
 Que corada no arado abraça o orvalho !
 Rebentando sua crença em qual botão !
 Deixa um vate n'fuzil d'falso malho !

És o canto deste mundo, e lá no céu !
 És o anjo que descanta a mansa brisa !
 Em minha alma és a Sêta tão aguda !
 E na mente és asombra que meguia !

TERCEIRO CANTO ! ADELISTA

Se Adelia foi cantada nesse palco !
Foi florida de boquet: e de louvoris !
Na pureza tão christal dos meus amoris
Guilhimé meresçe palma e tem primoris

No puêta Som tres cousa de puêzia
A voz prima que retomba seu canhão !
Nas campina violeta e parasita
É aquella que nos rouba o coração !

Esse canto que fectou todo em minha alma !
Qual relampago desfexa uma estação !

Rasga a tella de uma vida tão preciosa !
O teu canto Guilhemé de correção
Brotara dentro em minha alma forte serra !
Nessas serras tem palmeira ó Maranhão !!

És a pura violeta do acaso !
Resebendo a branda gouta da estação !
Renovando seus arbustos alentados
A paixão no peito doi no coração !

A mulher é um fado deste mundo !
É uma corda sencível que nos prende !
É abelha internicida nos seus gosos
Qual batel em manças aguas correndo fende !

Será poupe decantado em himno santo !
Nas vertudes que te cobrem violentas
És alua lá do céu do firmamento !
És o tona ofarol de minha vida
Que intercalar só querias, meu amor !
És asombra reclina ! ó ! sim querida !!

AOS ANNO DO MEU AMIGO

O SR. GERMANO MARTINS DE ASSUNÇÃO.

Felicito ao bom portuguez
Germano Martins de Assunção
Sua alma qual pomba innocente
No semblante retracta Sanção !
Desse genio tão grande no mundo
Alma pura e fiel coração ?

Foste em onze de maio libertado !
Ó estrella gentil portuguesa
Nesses annos que as éras passadas
Aboltavão gentis camponeza !

Tua terra natal decantada
Quando infante sorrias nos labios.
Quando ergueste na terra o incenso
E do vinho bebendo um bom calix!

Quando a brisa então desabando !
O devino Sorriso do dia !
E as aguas borbulhavão gemendo
Hir quebrar-se nas vagas se ouvia !

Amanhã foi coberta de um véo !
Um véo branco d'orvalho na terra !
E as vagas tão timidas do céu !!
Sobre a terra o geledo cahia !

Maranhão 8 de maio de 1868.

O DIABINHO !

DEDICADO A DONA L.

Diabinho deste mundo
Diz-me sim, não diz-me não !
O gemer desçes teus olhos
Só me faz não ter razão !!

Vivo por ti esquecido
No mundo da maldição
Teus olhos menina é bello !
Que me fas, não ter razão !

Se durmo em ti sou crente !
Retractando esses teus mimos
não vivo nesses momentos
Durido qual sol de pino !

Esses reverçar de olhos
parecem do mundo a sêta !
que tão cruel vem ferir !
Na mente d'um poeta ! !

Más que importa meu Deus !
Si preso della me vi ! !
na tarde dos meus desejos !
Que vi seus labios sorri !

De vêr sua fina tella
Qual tella do céu de anil,
Comparo qual rosa santa !
No jardim de vezes mil !

Seu corpo de côr morena
que entrecalar no meus olhos
me trazem a mente perdida
por ti gemo e por ti choro ! . . .

Seu corpo delgado izala
horomas que vem do céu
que fendendo a terra impura
dando vida a quem morreu!

Maranhão 22 de novembro de 1892.

SAUDADES.

Eu sinto às vezes
Nesta cidade
Das minhas flôris
viva saudade!

Das minhas noites,
do meu luar
o céu as vezes
Faz-me lembrar!

Pareço as vezes
Ver a canoã
Correr mansinha
Sobre a lagôa....

Tambem pareço
Ouvir d'aqui
o terno canto
da jurity

ou ver nas mattas
Sobre a palmeira
As flôris roxas
Da trepadeira !

Ah ! que me illudo !
Pura illusão !
Só tem Saudades
Meu coração !

Às vezes triste
Schismando átôa
Choro e bemdigo
Vida tão boa !

Se as vezes sonho
Qu'estou dormindo
O pranto e a sisma
Vão-me fugindo !

Mais se desperto
do meu lethargo
Encontro a taça
Do fel amargo !

Então devêras
Busco dormir
Para as saudades
Menos sentir !

Pois só dormindo
Posso ter calma
Do fogo ardente
Que sinto n'alms !

Rio 7 de setembro de 1862.

C. A. S. SANCHES.



MINHA INOCENCIA.

....let o ne chiss on your pale
blay And' Those once so warme-
my heart !

LORD'BIROM.

Se no carcere de amor, agrilhoadado,
Rendido te offereci meu coração;
Perdôa, anjo do cêo, anjo adorado,
Perdôa esta afflição !

Se arrojado fui em amor fallar-te
Perdôa, anjo de Deos, foi illuzão;
Se é licito na terra um peito amar-te,
Oh ! dai-me o teu perdão !

Se tomei por farol a sombra tua
 Nos doirados sonhos da existencia;
 Talvez que ella brilhasse mais que alua;
 Perdão ! pura innocencia

Se nas trevas do mundo, delirante,
 A imagem tua procurei, sonhando;
 É que este peito meu—à cada instante,
 Perdão ! morrre te amando !

Se busco oh ! meo anjo amar-te em vida
 E se eu, louco de amor, sonhei contigo,
 Foi porque já no fim de tanta lida
 Achei n'um peito abrigo ! . . .

Se a magica lanterna do dezerto —
 Errante a procurar-te se apagou;
 Perdão, querido anginho, um vento incerto
 Na luz della passou ! !

E agora que sem luz a que vagueio
 Tranzendo aos hombros d'martirio a Cruz
 Tirai-me diva estrella d'este enleio;
 Perdão !—daime a tua luz ! . . .

N'UM ALBUM.

Ch' i Donna, in cui la mia speranza vige.

DANTE.

Menina meu amor é todo teu,
À ti entreguei-me em corpo e alma;
E nestas aflições nestas angustias,
Eu desejo colher a doce palma! . . .

Se no mundo nasci foi para amar-te;
Para que tantos sonhos d'amargura?
Abre logo teu peito à quem ti adora,
E deixa-me feliz gosar vintura!

Se lanças sobre mim teus meigos olhos,
Teu olhar fiticeiro me fascina;
Se me apertas a mão, eu sinto n'alma
Uma doce emoção que amar eu sinto!..

Se dos Labios desprendes um Sorriso,
é qual estrella que no céu reluz: . . .
Oh! dai-me teu amor que já não posso
Levar mais longe d'martirio a Cruz! . . .

Nietheroy 7 de dezembro de 1861.

AMOR FORÇADO DE NEVELLO Á LIBINA.

Nevello é um peregrino que peregrinou 10 annos por sua amante nas matas
Libina lança-se apaixonada entre brechas e é morta por Nevello na praia ?
Nevello axa um vidrinho que da-lhe a vida, depois de dois dias de
enterrada.

Emfeliz mulher sou eu
Tão sosinho neste mundo
vagando cá entre mattas
Nestes abismo profundo

Foi teu pai culpado em tudo
Deste viver entre vagas
Sujeito nestes abismo
Neste viver malfadado.

hírei triste remeçado
Nestis campos de mil cantos
Naquelles gosos passados
triste hírei, sempre chorando.

Sem saber qual minha sorte
Nestes gorgeos tão bellos
quem ama sem ser amada
Como eu que triste vello !

CANTA LIBINA !

Só a Nevello á durei
Nas sêtas do coração
já perdi meu pai e mãe
hoje resta a solidão !

hírei sempre remeçada
Neste meu sofrer semfim
Si nassi para ser teu
Colhe do prado o jasmim !

haxarei na terra fria
Sem meu corpo respirar
por eterna mão de christo
heide em ti resucitar ! ?

Dez anno de sofrimento
 Eu louca por ti vaguei
 Foi nestas mata e relento
 Com minba vida acabei !

MATA NEVELLO ! Á LIBINA !

Foi nestas praias de espumas
 que cravei meu pençamento !
 Dorme pois sono da morte !
 Mar e cêos teu firmamento ?

hirei vago na flôresta
 Por ser minha abitação !
 Com o punhal tirei te a vida
 Sem mais ver essa visão ! ?

dobrar teu corpo na terra
 Só ella ti vai gosar
 Eu prosericto nestas mata
 Nas praia ti vim matar ! ?

No negro moxo um Sipreste
 Junto a tua abitação !
 Foi achado um vidro Santo
 para tua salvação !

guardado tenho comigo
Segredo desça visão
matei-a? e de-lhe a vida
Compri minha opinião!

Maloba 20 de julho de 1868.

EM UM BALHE VI-TE !

E SINTI O PESO ! DO MEU FADO ?....

Á DONA A. J. E.

Se nos laços de amor preso me vejo
Nun riso de teus labios jurei ser teu
Juramos casta virgem dos meus sonhos
Ser feliz nos nossos dias no hirmineu !

Nessa côr mimosa, e pura qual um jambo
Traja em si tão fina tella, e firme côr ?
Assim firme nossos dias quando então
Nos ressabios do comcorcio, sentir amor !

Minha sorte neste mundo ! é só te amar
 Anjo puro que do céu vedou a terra
 São teus olhos dois brilhante a dedilhar!
 qual no céu pousada lua, brinca lá !

És a santa dos amores que consagro
 És meu anjo desta vida, terna amante
 És a pura violêta dos meus votos
 Eu cumprir juntinho ati, perto e constante.

És a fresca da manhã, de aragem pura.
 Reclinada no meu peito sem praser,
 És o orvalho que salpica, o verde arbusto
 Ser felis juntinho, ati, quero me ver !

Esse amor voráz semtelha que me inflama
 que me aterra desta vida a outro mundo
 Meu Deus ! hó Santo Deus ! ? é uma Santa ? . . .
 Trago sempre na lembrança este meu pranto !

Não durmo um só momento nesta vida
 Não sinto um só prazer na verde palma
 Não tenho nesta vida outra querida
 Não — ser, tu, casta virgem, de minha alma

Não quero outra deidade amar na terra
 Não quero sentir amor por outra
 Não quero gosar doutros emcantos
 Não ser juntinho ati terna querida.

Não quero más ter vida neste mundo
 Não sendo por ti a calentado
 Não quero viver na terra do lamento
 Não sendo junto a ti! flôr do meu fado

Não quero pençar no teu amor
 Não passa um só momento na lembrança
 Não posso sequer brandando á dôr!
 No tirano perenal que tudo alcança! ?

Não posso viver sem ser contigo
 Não sinto prazer na minha vida
 Não posso sequer ter um sucego
 Não sinto o falar desça querida

Não durmo só sonhando nesçe amor!
 Não vivo neste mundo de tormenta
 Não posso destante de quem sou
 Não quero Sonhar as vezes quanta.

AGRADECIMENTO.

Minha infeliz patria mal recompensada nos seus tributos
de bonancia ?

Neste terrasço imenso de tantas riquezas, Só me
resta Carpir a sorte disavinturada de seus filhos !

Eu era infante ? quando das entranhas humana Sol-
tando um grito ! tivi neste mundo a luz da vida ! E o
fitar dos Meus olhos canpions Sobre o Divinal Simblo
do mundo inteiro, tão engraçado ! me imprimia nos
Labios o terno riso da innocencia ? Sem Saber outrora ?
qual minha Sorte ! ou desgosto que tragara nesta vida
tão longa ! ?

Eu innocente Só gosava o dosse Beijo dos meus pais
carinhosos ! treis cousas me contemplavão a vida !
quando no regasço de minha mãy querida ! me alen-

tava com seu proprio Sangue! ? me deixava internecido ? quando, Sim, eu era ? do dia despertado pelo o rasgo da tella do insêto dia devinal ! que me tornava nefavo na fagueira rialidade da natura ! finalmente ? quando dormitando no berço do paganismo ! o Sóm da harmonia de minha fiel mãy casando melodiosos, comquistavão a improdencia da Semsibilidade de minha alma ! ? no descanso perenal deste mundo das illusões ! ? Hoje porem publico Sensato que reconheço meu Sentimentos nos tributos da Fadiga ! que me despús perante A perenal torrente de uma Fonte do outeiro ! nesças vêas violentas qual tirano golpe de vulcano ! ? mal posso sustentar Suas bonancias de tantas criticas no trono das letras pueticas ! para, por essa via merecer o vosso apoio nas herenas das letras literaria ? a vossa assignatura para dar a luz a um pequeno trabalho volume de puesia e prosa ! . . . É quando menos presado me salpicão o fel, amargo impuro, do desgosto e da desventura de uma vida tão espinhosa ! porem publico Sensato, vois que me collocastes na pusição melindrosa de ornaculas coroas de flôres ? fingidas do más puro e rico-relevo de cristal ? Singindo-me afronte descorada, quer na calma do delirio, quer no frio do estio ? me aveis a achar na estacada luta das letras de ouro ! eu porem muito grato da benevolencia que Catheriza os caracteris dos briosos filhos da Santa Cruz ! me ofano em lardiar na poreza e mercimentos dos meus Compatriotas, vendo-os Seus nomes cravados nos sentimentos de minha alma ? mesquinha, quam falta de limita-

dos recursos para entrar na luta espinhosa afám de tão ardua tarefa?! eu poreo agradecido a todos quantos assignarão o meu pequeno trabalho de puezia e prosa, conjuntamente ao muito Digno proprietario desta primeira tipographia? pelo o aseitamento que deo lugar a publicidade do meu pequeno escripto, volume de poesia e prosa, a vivicitude da vertude completa que orna os merecimentos do merito de um tão elevado coração? quanto verdadeiro?

Assim purificada foi as aguas turvas da alagoa estiygia! degredo da vida homana? ainda hoje essas aguas emmaranhadas existem? não como outrora! que sem pudonor fasia tremer a christandade? qual duro ferro no voras malho do desalento do homem, mais Sim! no premitivo dever cumum que nos regem!

Maranhão 30 de dezembro de 1868.



INDICE.

| | PAG. |
|---|------|
| Gratidão | 3 |
| Prologo | 5 |
| Um passamento | 9 |
| O nada | 14 |
| Tributo de amisade | 17 |
| Ao pé de uma louza | 20 |
| Motte (o amor é palavra ouca) | 22 |
| Motte (o pinto morto no bolço) | 25 |
| Amor privado (recitativo) | 28 |
| A morte! ? | 30 |
| Esperança | 33 |
| Hino santo! | 36 |
| Sim! ? | 38 |
| | 40 |
| Um politico | 43 |
| Motte (a minha garcinha branca) | 46 |
| Flôr d'alma | 49 |
| O genio ! | 51 |
| A lua de minha terra | 54 |
| Eu perdido neste mundo | 59 |
| Nascimento | 64 |
| Ao domingo de Pascoa | 68 |
| Um passeio nuturno ao Bacanga | 70 |
| A pocrezia | 73 |
| Um passeio a cavallo | 76 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Aos insignos da rua do Sol..... | 76 |
| Saudades de meu filho..... | 81 |
| Aos annos..... | 82 |
| Eu sinto!..... | 86 |
| Adejos liricos..... | 88 |
| O Desmaio..... | 90 |
| Sonhos?..... | 92 |
| Terceiro canto! Adelista..... | 94 |
| Aos annos do meu amigo..... | 96 |
| O diabinho..... | 99 |
| Saudades..... | 101 |
| Minha innocencia..... | 103 |
| N'um album..... | 106 |
| Amor forçado de Nevellô a Libina..... | 108 |
| Em um balhe vite..... | 112 |
| Agradecimento..... | 115 |